

*Edição*

*Especial*



*Jornal dos Empregados da Telebrasilvia abril 1976 n.º 3*

*Dezenove anos de serviço  
telefônico no Distrito Federal*

*Oito anos  
de Telebrasilvia.*

*Cem anos de  
invenção do telefone*

# CARTA AOS LEITORES

Encontrar as informações sobre a implantação do serviço telefônico em Brasília, foi, para a Assessoria de Relações Públicas, uma enorme emoção. Meses atrás, quando começamos a pensar sobre telefonia no DF, constatamos com espanto que pouco ou nada se sabia da história de nossa Empresa. O fato nos preocupou: a não existência de registros históricos evidenciava falta de tradição e, de certo modo, descrença naquilo que as pessoas estavam fazendo. A constatação veio durante o I Encontro de Gerentes, realizado em novembro do ano passado. E a Assessoria de RP partiu para a pesquisa.

Foram muitas as dificuldades mas o espírito de equipe e a vontade de dar à TELEBRASILIA a sua história, levou o pessoal em frente.

Aqui está o LINHALIVRE nº 3, edição especial comemorativa de 19 anos de serviço telefônico em Brasília, 8 de Empresa e 100 anos de invenção do telefone por Graham Bell.

Nas páginas que se seguem, vocês conhecerão de perto alguns colegas de trabalho, que chegaram à Capital da República muito antes dela ser inaugurada, e que participaram da implantação do serviço telefônico. O depoimento de cada um é tradição viva que estava esquecida e seu exemplo de coragem, boa vontade e contribuição é algo a ser seguido por todos nós.

V.L.N.V.



## Linhalivre nº 3

## Abril 1976



Jornal dos Empregados da TELEBRASILIA  
Coordenação e execução da Assessoria de  
Relações Públicas

Editora-responsável: Vera Lúcia Novelli Vieira  
Redatores: Paulo José Araújo da Cunha  
Amantio dos Santos Teixeira  
Luíza Inez Vilela Ramos Araújo  
Suely França de Moura Siqueira  
Marina Coelho

Programação Visual: Inácio da Glória Júnior

Telecomunicações de Brasília S/A  
SCS — Edifício Telebrasil — 11º andar

Composto e Impresso  
Editora Gráfica EIXO LTDA.  
Fone: 72-3947 — Brasília — DF.

Nossa Capa



Uma telefonista em 1889  
(Foto da revista "Postes et  
Télécommunications" Paris -  
França)

ds nossos agradecimentos

Ao Jornal do Brasil, O Globo, Manchete, Correio Braziliense, Reinaldo Bispo, Juscelino Kubitschek de Oliveira, Paulo Vianna, Orlando Gaglianone, Ernesto Silva, Marisa e Marília Tosta, Edmundo Afonso Alarcão, Alba Alves Mafra, Jayme da Costa Ribeiro, Tasso Domingues Vieira, Afonso Celso de Albuquerque e Silva, Eduardo Gomes de Farias, Antonio Dolores de Matos, João Cedrás de Oliveira, Luiz Alves Silva, Joaquim Gomes Bândeira, Roberto Castelo Branco, Ricardo Nascimento e Joffre Lellis.

# EM BUSCA DE UMA TRADIÇÃO PERDIDA

Um trabalho dedicado a todos os empregados da TELEBRASÍLIA

Não é fácil escrever a história de uma Empresa que teve sua origem no meio de um dos maiores canteiros de obras do mundo: Brasília. Naquela época, no meio do fogo do entusiasmo de construir aquela que viria a ser considerada a mais arrojada concepção urbanística do planeta, ninguém ou somente um ou outro precavido tinha a preocupação de guardar documentos, recortes de jornal, nomes, datas e fatos referentes a implantação dos primeiros telefones na futura Capital do País. Os prazos se aproximavam vertiginosamente e a azáfama dos trabalhadores, juntamente com a chegada dos candangos, a edificação das primeiras moradias, a transferência dos órgãos públicos, não davam tempo ao registro de pormenores, dos detalhes preciosos — por vezes fundamentais — que fazem o fascínio da História.

O que conseguimos obter de importante sobre aqueles tempos de pioneirismo constitui a base deste arremedo de levantamento histórico dos antecedentes da telefonia em Brasília, que hoje o LINHALIVRE traz até você, na data em que a Telebrasiléia está comemorando seu 8º aniversário de fundação, antecedida pela "vitoriosa COTELB", originada do "heróico DTUI" que, por sua vez teve seus primórdios na "metéórica DRET", órgão que foi antecedido pela "pioneiríssima DCTA", criada em 1956 como Divisão da NOVACAP.

Tudo, porém, está fundamentado em dados, fotos e depoimentos a muito custo recolhidos, muitas vezes imprecisos — em termos de datas, infielis no que se refere à exatidão dos fatos, determinadas épocas que permanecem às escuras, pois não se teve acesso a nenhum dado que as situasse no contexto geral do nosso relato. Fica conosco, porém, a certeza de haver aberto o caminho, de haver feito a primeira pesquisa séria de como as coisas começaram.

Com isto LINHALIVRE leva a todos os colegas da Telebrasiléia o levantamento da história das telecomunicações em Brasília. E a consciência de haver iniciado a construção de uma outra obra: a tradição histórica, fundamento básico do orgulho que têm os que hoje fazem a Telebrasiléia por aqueles que, pioneiramente, deram o impulso básico para que ela alcançasse a sua situação de maior Empresa do Distrito Federal e uma das três maiores empresas de telecomunicações do Brasil.

## A SOLIDÃO E A DISTÂNCIA DO PLANALTO NA LUTA PELA IMPLANTAÇÃO DO SERVIÇO TELEFÔNICO

A comunicação de Brasília com o resto do país durante o período de sua construção foi um dos muitos e muitos problemas que os pioneiros enfrentaram. Até poucos meses antes da inauguração da cidade, um precário (mas também heróico) serviço de rádio e que atendia a essa necessidade. O serviço só funcionava até às 20 horas. A partir daí, nem o Presidente da República conseguia falar com a futura Capital. Segundo os pioneiros, a falta de um melhor sistema de comunicação serviu, inclusive, para aumentar a solidão de quem trabalhava no Planalto Central. Era muito difícil, às vezes impossível, falar com os familiares no Rio. Uma das consequências da precariedade desse serviço foi o susto que teve a esposa de Israel Pinheiro, quando lhe foi comunicado que o seu marido, então presidente da NOVACAP, havia morrido. O problema é que a ligação foi feita na hora de fechar o serviço de rádio e a notícia só pôde ser desmentida no dia seguinte. O fato, entretanto, serviu para acelerar a implantação de um sistema melhor.

As primeiras comunicações de Brasília com o Rio foram feitas através de um aparelho de rádio-amador, operado por Godofredo "do

Araxá", que também era seu proprietário. Em caráter provisório, o rádio — prefixo 4VA — foi instalado no dia 21 de outubro de 1956. Em 28/10/56, por iniciativa do Com. João Milton Prates, Diretor de Relações Públicas da Panair do Brasil, foi instalada uma estação de rádio e rádio-farol, trazida pelo avião DC-3, prefixo PP-PCL. O piloto era Paulo Novais de Souza Gomes, o co-piloto, Raimundo Andrade e o rádio-operador, José Ávila Gomes. A estação de rádio servia para comunicação com o Rio de Janeiro e para proteção ao voo.

O primeiro pedido de socorro foi transmitido por essa estação a 5 de novembro de 1956, quando solicitou-se sóro antiofídico para um trabalhador mordido por cobra. Não havia o sóro em Brasília, nem nas cidades vizinhas

### DCTA

Ainda em novembro de 1956 chegaram a Brasília o comandante João Milton Prates, piloto de Juscelino, o engº José Paulo Vianna e Orlando Gaglianone, que ocuparam na NOVACAP, os cargos de Chefe do DTC — Departamento de Transportes e Comunicações,

Assessor Técnico do DTC e Chefe da DCTA — Divisão de Comunicações e Transportes Aéreos, respectivamente.

Foi a DCTA que implantou os primeiros telefones em Brasília, ainda na base da manivela, um serviço precário, mas que foi de fundamental importância para a cidade que começava a surgir. Antes da DCTA, todas as comunicações em Brasília e de Brasília para outros pontos do país eram feitas através de um serviço de rádio e rádio-farol, pertencente à extinta Panair do Brasil. Posteriormente, foi iniciado pela DCTA o serviço de rádio-telegrafia e telefonia da NOVACAP. Jayme da Costa Ribeiro, hoje Assessor Especial da Presidência da Telebrasiléia, foi o primeiro rádio-telegrafista da NOVACAP. O sistema de rádio tornava possível, também, a comunicação entre as pessoas que trabalhavam em Brasília e suas famílias que moravam em diferentes regiões brasileiras. Também era esse serviço que dava condições às empresas de se comunicarem com os centros produtores para fazer pedidos de material de construção, máquinas etc. Dentre elas, a Coenge, a Pederneiras e a Metropolitana



Estação de rádio da Panair do Brasil, instalada a 28/10/56.

(construtora do antigo aeroporto). O serviço via rádio era gratuito e funcionava bem. As pessoas que trabalhavam neste sistema hoje se orgulham daquela época. Eram 60 pioneiros da DCTA, 35 deles trabalhando especificamente no setor de Comunicações. Em 1958, o quadro de rádio-telegrafistas foi ampliado, passando a contar com mais 5 especialistas e Jayme passou a ser o chefe do serviço. Em 1956 foram expedidos e recebidos em Brasília 80 radiogramas, com 583 palavras.



O primeiro rádio-telegrafista de Brasília, Jayme da Costa Ribeiro, quando operava seu aparelho, instalado numa dependência da antiga fazenda do Gama.

## A TELEFONIA

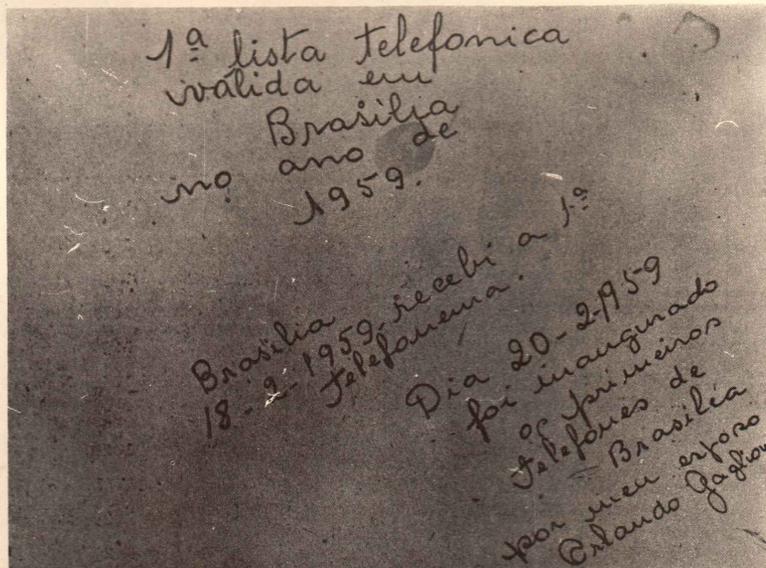
Já no carnaval de 1957 havia sido implantado um serviço de rádio VHF e um sistema de telefonia com bateria local ligando a Fazenda do Gama, o Catetinho, o acampamento do Palácio da Alvorada e as obras do aeroporto. Já se falava com o Rio de Janeiro. A primeira estação telefônica funcionava na Avenida W—3 Sul, onde hoje é o Posto de Serviços nº 1 da Telebrasil. Algum tempo depois, Brasília já se comunicava com estações semelhantes, espalhadas em outros pontos do País (São Paulo, Belo Horizonte etc.). Através deste sistema, precaríssimo, mas que, heroicamente, cumpria os seus objetivos, o Presidente Juscelino falava do Rio de Janeiro com Israel Pinheiro, Presidente da NOVACAP. No primeiro semestre de 1957 as comunicações com a nova Capital continuavam a ser feitas através do serviço de rádio da NOVACAP, no Rio e em Brasília — prefixo PTC—3 — ainda instalado na Fazenda do Gama, e pelo serviço de rádio-farol da Panair, prefixo ZZB.

Em abril do mesmo ano o Presidente da República autorizou a importação dos Estados Unidos de equipamentos de telecomunicações para Brasília: 4 estações fixas, 5 móveis e 3 portáteis. Em maio, os jornais anunciavam a aquisição do equipamento. Em julho de 1957, o "Jornal do Comércio" (RJ) falava na "possível instalação de linhas telefônicas entre Araguari (MG) e Brasília, através do sistema de microondas". A rede sairia de Araguari para Catalão e de lá para Brasília, com ligações também para Pires do Rio, Ipameri, Anápolis e Goiânia. O ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira noticia em seu livro "Por que construí Brasília" que, em 1957, discutiu com dirigentes da CTB a necessidade de ser feita a ligação imediata do Rio com Belo Horizonte, numa primeira escalada para atingir Brasília. A proposta da CTB, no entanto, não foi aprovada porque, ao final de todas as complicadas operações de crédito no exterior, exigidas pelo projeto, e do prazo de três anos para a realização da obra, terminaria a mesma pertencendo à Light, que passaria a explorar, em benefício próprio, o serviço. Outros contatos foram mantidos, desta vez com o DCT, sem resultados concretos. "A solução seria entregar a tarefa à NOVACAP, já provada em sucessivos recordes de construção, e que, por ser um órgão paraestatal, dispunha de indispensável autonomia de ação para engajar uma empresa de tal tipo. Contudo, e após complexas discussões, optou-se por uma concorrência internacional." Em junho de 1958, sob orientação de Orlando Gaglianone, o Serviço de Rádio da NOVACAP

10.000 para a Centro. Como o dinheiro não deu, foi aberta uma segunda concorrência para aquisição de apenas 5.000 terminais para a Central Sul. No contrato havia obrigatoriedade de instalação de serviço provisório automático (200 terminais — sistema AGF — Ericsson). Os primeiros telefones automáticos foram inaugurados oficialmente em 20/2/59 pelo Presidente Juscelino e o Príncipe Bernard, da Holanda. A primeira ligação foi para o Palácio da Alvorada. Extra-oficialmente, porém, a primeira ligação telefônica com telefones automáticos foi recebida pela Sra. Alda Corrêa Gaglianone, esposa do comandante Gaglianone, exatamente no dia 18 de fevereiro de 1959. Quem ligou para Dona Alda foi o engenheiro Joaquim Fontoura, da Ericsson. Dona Alda registrou o evento na última capa do seu exemplar de "1ª Lista Telefônica de Brasília".

## O DTUI

Em 5/3/59 foi criada a DRET — Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas e o engenheiro José Paulo Vianna foi nomeado seu chefe. Em 18 de novembro do mesmo ano a NOVACAP, compreendendo que a expansão dos serviços exigia uma certa autonomia, decidiu transformar a DRET em dois departamentos, com poderes de auto-gestão: o DFL (Departamento de Força e Luz) e o DTUI (Departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos), do qual Paulo Vianna foi nomeado chefe. Na ocasião, foi criado também o DAE (Departamento de Água e Esgotos).



Estas anotações foram feitas na primeira lista telefônica de Brasília pela senhora Alda Correa Gaglianone, esposa do chefe da DCTA.

funcionava com ordem e eficiência, em todas as suas estações: Brasília, Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Anápolis, além de comunicações com outras cidades. Em Brasília havia também serviço telefônico com 50 ramais, além de 5 estações VHF, fixas e 7 estações móveis, em viaturas. Em 1957 e 1958, na Divisão de Comunicações foi recebido e transmitido um total de 30.461 rádios e 84.920 palavras. Ainda em 1958, foi feita concorrência para aquisição de equipamentos para as Centrais Sul e Centro. Inicialmente, seriam comprados 5.000 terminais para a Central Telefônica Sul e

Nessa época, o DTUI instalou-se no 3º andar de um prédio de apartamentos na SQS 408. No 2º andar ficava o DFL e no 1º o DAE. Em fevereiro de 1959, o Correo do Ceará dizia em suas páginas: "existe um templo em Brasília: o Palácio da Alvorada. De um luxo de fábula, em parede de ouro e banheiro de mármore. Para penetrá-lo, o visitante é obrigado a retirar os sapatos". O jornal A Tarde (Salvador) falava no programa de reflorestamento para Brasília, com distribuição de essências florestais e ornamentais para o Plano-Piloto e cidades-satélites. Enquanto a

imprensa e melhora a vida das novas cidades do mundo, o Governo preocupava-se com o sistema de comunicações para a nova Capital.

## SISTEMA DE MICROONDAS

Foi realizada a concorrência internacional para construção do sistema de microondas, em julho de 1959. Inscreveram-se as maiores firmas do mundo especializadas no setor.

A RCA ganhou a concorrência para fornecimento e instalação do equipamento de rádio em microondas e a Ericsson para a instalação do equipamento Multiplex. Os contratos foram assinados em setembro de 1959. O prazo para importação, instalação e ajuste do equipamento era de apenas seis meses. Brasília seria inaugurada daí — exatamente — seis meses. As tarefas de infra-estrutura foram entregues ao DTUI. Os que se opunham à instalação da Capital do País no Planalto Central, proclamavam que Brasília seria inaugurada sem um sistema de comunicações condizente com sua importância. Publicaram declarações de um diretor da Marconi, conceituada firma inglesa do ramo, de que seis meses não seriam suficientes para montar o sistema e que se o Governo o conseguisse em dois anos poderia dar-se por feliz.

Enquanto isso, todo o pessoal do DTUI empenhava-se no trabalho. Os engenheiros estabeleciam a localização das torres utilizando-se de aviões com radar. A seguir, as turmas de montagem chegavam subindo morros, atravessando rios e matas, para erguer as torres de aço de até 80 metros de altura e 400 metros quadrados de base

— O trabalho era penoso e ingrato, mas avançava, no "ritmo de Brasília". Todos os meios de transporte eram utilizados — do carro de bois ao avião. Abria-se, primeiro, um trilho e, por ele, seguiam os tratores, cuja função era improvisar pistas nos altos dos morros para a aterrissagem dos teco-tecos. O material leve era transportado a bordo desses minúsculos e utilísimos aparelhos, e as peças pesadas eram levadas por caminhões ou carros de bois — Juscelino Kubitschek.

A rota era de 1.500 km de extensão e o trecho de Minas Gerais foi o mais difícil em consequência do terreno muito acidentado. Foram erguidas 26 torres entre Rio e Brasília e cerca de 80 km de estradas foram construídos. Em janeiro de 1960, o Brasil recebeu a visita do Presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, com escalas em Brasília, São Paulo e Rio. "A Embaixada norte-americana, em entendimentos com o Itamarati — nas palavras de Juscelino Kubitschek — para acerto dos detalhes da recepção, solicitara que fosse postos à disposição do presidente visitante e de sua comitiva cerca de 20 teletipos, com a capacidade de transmissão de 120 mil palavras por dia. O Itamarati transmitiu-me a solicitação e me entendi, a respeito, com o diretor do DTUI. O engenheiro José Paulo Vianna não se assustou. Se a tarefa teria de ser feita, ele estava ali para fazê-la. Desejava apenas que eu autorizasse à Embaixada do Brasil na Alemanha a apressar a remessa do equipamento, encomendado à Siemens. Mensagens foram trocadas entre o Rio e Bonn e tudo se arranhou. Poucos dias mais tarde, Eisenhower desembarcava em Brasília e, quando isso aconteceu, os 20 teletipos, solicitados pela Embaixada norte-americana, estavam em pleno funcionamento e, pela primeira vez na história do país, radiofotos foram enviadas da nova capital e do Rio para os Estados Unidos, aonde chegaram com absoluta nitidez".



Abril de 1960: sistema de comunicação, em VHF, do Palácio do Planalto. (foto de Manchete—Rio)

De acordo com Dr. Paulo Vianna, em 20/1/60 foi inaugurado um serviço de rádio de faixa lateral independente. Tinha 12 canais para o Rio de Janeiro, sistema VHF e as transmissões eram de muito boa qualidade.

O número de canais era considerado excelente, pois, na época, havia apenas um canal em Salvador, dois em Porto Alegre e 100 em São Paulo.

A revista Brasília comentava, em fevereiro de 1960: "a 1º de janeiro último já se encontravam em operação as seguintes redes: serviço telefônico local, com uma central automática de 200 linhas, servindo a 500 telefones, através da rede provisória de 100 km de extensão; serviço telefônico interurbano, com um canal bilateral de radio-telefonía ligando Brasília ao

Rio; serviço telegráfico, atendido por dois canais de rádio Brasília—Rio, com equipamento de manipulação automática Creed e teletipos."

"Trabalhos intensos se desenvolvem para ultimar, no serviço local, a instalação da Central Sul, com a capacidade inicial de 5.000 linhas e mais 6 postos satélites que perfazem 800 linhas. Essa estação é servida por controladores de chamada, equipamentos de controle, testes eletrônicos e informações automáticas, e é das mais bem aparelhadas do mundo. A entrega da primeira etapa da rede subterrânea de dutos, compreendendo a Asa Sul e o Eixo Monumental, possibilitará a instalação de, aproximadamente, 15.000 telefones. Serão estendidas linhas aéreas



Pela primeira vez no País, radiofotos foram enviadas da nova capital e do Rio para os Estados Unidos, através dos 20 teletipos encomendados pelo DTUI à Siemens, por ocasião da visita do presidente americano Dwight Eisenhower, em janeiro de 1960. (foto de Manchete—Rio)

automáticas às cidades-satélites de Sobradinho e Taguatinga, permitindo funcionar, pela primeira vez no país, um serviço telefônico rural automático”.

#### INAUGURAÇÃO

O ajuste do equipamento para o sistema de microondas levaria de 3 a 6 meses para ser feito e como não havia tempo suficiente para isso, ele foi montado e ajustado em Estocolmo e enviado ao Brasil em dois aviões — um direto para Brasília e o outro para o Rio. O equipamento chegou no dia 2 de abril e o pessoal da NOVACAP o instalou. Às 19 horas do dia 14 do mesmo mês já foi possível a primeira ligação — extra-oficial — para o Rio de Janeiro.

E assim, em tempo recorde, foi oficialmente inaugurado o serviço de microondas, no dia 17 de abril de 1960, quatro dias antes da inauguração de Brasília e dois dias antes da data fixada pelo então Presidente Juscelino Kubitschek. Presente à inauguração, o diretor da Marconi que não acreditara ser possível o feito.

O êxito foi total e Brasília passou a comunicar-se com importantes cidades do mundo e do Brasil. Em poucos dias foi implantado o serviço de informações sobre a programação dos cinemas e teatros da Capital. A voz era da atriz Tônia Carrero

Logo depois, animado pelo sucesso do sistema de microondas, o DCT criou um serviço de telex entre Brasília e o Rio, o que foi, na época, uma iniciativa pioneira.

Somente após a inauguração da Capital é que os serviços telefônicos começaram a ser comercializados. Os primeiros telefones foram vendidos ao preço de Cr\$ 30,00 (6 prestações de Cr\$ 5,00).

Em 1960, segundo a publicação "Brasília em Fotos", o DTUI instalou 3.516 telefones, 5.000 em 1961 e 9.600 até fevereiro de 1962.

Em 1962 foi apresentado o projeto do prédio da Central Centro e feita a maquete, porém só em 1966 foi iniciada a construção. Inaugurou-se o prédio da Central Centro em 1º de setembro de 1969. O equipamento da CTC foi inaugurado em 31/3/71, com 10.000 terminais de fabricação SESA.

No dia 15 de abril de 1968 o DTUI foi transformado em COTELB — Companhia de Telecomunicações de Brasília, uma empresa de economia mista. O Governo do Distrito Federal deteve seu controle acionário até 1975. Com a criação do Ministério das Comunicações, estabeleceu-se uma política nacional de telecomunicações dentro da qual foi criada a Telebrás como empresa "holding" para integração e coordenação das entidades operadoras do serviço. Respeitando essa política, estabeleceram-se os entendimentos para a transferência do controle acionário da COTELB para a TELEBRÁS.

Como medida inicial, a 15 de abril de 1974, foi eleita e empossada a atual Diretoria e, a 2 de julho de 1974, sancionada pelo Presidente da República a Lei nº 6.067, que autorizou a transferência do comando acionário à TELEBRÁS, efetivada em 5 de julho de 1974. A Assembléia-Geral Extraordinária de 26/3/75 mudou a razão social da empresa para Telecomunicações de Brasília S/A — TELEBRÁSILIA.

Atualmente, a Telebrasília é a única empresa brasileira de telecomunicações a atuar em três unidades da Federação: o Distrito Federal e os Estados de Minas Gerais e Goiás. É também a terceira empresa de telecomunicações geradora de tráfego nacional e quinta geradora de tráfego internacional.



Em 1959 era erguida a Estação Sul.



O início das obras da Estação Telefônica Centro, 1967.



No dia 17 de abril de 1960, dois dias antes da data prevista, Juscelino Kubitschek de Oliveira inaugurou o sistema de microondas entre Brasília e Rio, falando diretamente do Palácio das Laranjeiras com Israel Pinheiro em Brasília. (foto de O Globo—Rio)

#### FORAM SUPERINTENDENTES/PRESIDENTES DA TELEBRÁSILIA DESDE SEUS TEMPOS DE DTUI:

Engº JOSÉ PAULO L. VIANNA — de sua criação em 1959 a 15/10/63 — DTUI

Cap. JOSÉ A. MARIZ DE MENDONÇA — de 15/10/63 a 3/4/64 — DTUI

Engº THOMAZ DALTON — de 3/4/64 a 6/4/64 — DTUI

Major PEDRO DE SOUZA MACIEL — de 6/4/64 a 8/4/64 — DTUI

Major ALÚZIO DA CUNHA GARCIA — de 8/4/64 a 21/7/65 — DTUI

Major ARTUR FREITAS T. DE MELLO — de 21/7/65 a 6/10/66 — DTUI

Major EUDES B. CARVALHO FREITAS — de 6/10/66 a 30/5/67 — DTUI

Major ALÚZIO VASCONCELOS — de 30/5/67 a 22/3/68 — DTUI

Engº THOMAZ DALTON — de 15/5/68 a 11/10/68 — COTELB

Econ. MARCELLO AUGUSTO VARELLA — de 16/10/68 a 11/12/69 — COTELB

Engº CLEOFAS ISMAEL UCHÔA — de 15/12/69 a 30/5/70 — COTELB

Cel. NELSON SOUTO JORGE — de 15/9/72 a 19/3/74 — COTELB

Econ. ARENO PIRES — de 15/4/74 até hoje — TELEBRÁSILIA

# Estes homens corajosos e suas estórias de aventura



Paulo Vianna  
Juscelino Kubitschek  
Marisa e Marília Tosta  
Edmundo A. Alarcão  
Ernesto Silva  
Orlando Gaglionone

## O HOMEM QUE DERRUBOU A CASA DE MACHADO DE ASSIS E ERGUEU UMA TORRE RECEPTORA

Os cabelos brancos, os gestos rápidos e nervosos não conseguem esconder este espírito privilegiado de ousadia e coragem. Paulo Viana.

O engenheiro José Paulo Vianna é carioca e trabalhava no Rio de Janeiro quando a NOVACAP o convidou para vir a Brasília. Aceitando, aqui chegou a 11 de novembro de 1956, com a coragem e dinamismo que marcaram definitivamente sua passagem pela história da telefonia na Capital do País. José Paulo Vianna implantou o serviço telefônico em Brasília e seu nome é citado pelo ex-Presidente Juscelino Kubitschek com admiração e gratidão. Aqui chegando, ocupou o cargo de assessor técnico do DTC—Departamento de Transportes e Comunicações da NOVACAP. Acompanhou de perto as primeiras concorrências para implantação dos telefones em Brasília. Em 5 de março de 1959, foi nomeado chefe da DRET — Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas e, quando o DTUI foi criado, em 1959, o presidente da NOVACAP o designou para chefia-lo. O DTUI realizou obras "milagrosas" e bateu recordes de construção. Paulo Vianna conta que o trabalho, no início da cidade, era árduo e constante. O entusiasmo e o grande desafio a vencer, faziam a turma eficiente do DTUI esquecer o cansaço. "Impossível" era a palavra que não existia no

dicionário de nenhum deles. Falou-nos que, no dia 1º de abril de 1960, ou seja, dias antes da data marcada para a inauguração de Brasília, a NOVACAP descobriu que um dos empreiteiros contratados não conseguiria completar o serviço. Faltavam três torres. A NOVACAP então construiu uma mini-fábrica de torres e levantou as três que faltavam, em tempo recorde. Outro fato curioso foi o da construção da torre receptora do sistema de microondas, no Rio de Janeiro. A estação seria construída pela CTB, mas como estava havendo muita demora e o pessoal do DTUI tinha pressa, eles mesmos foram à Prefeitura do Rio e conseguiram permissão verbal para ocupar um terreno no Morro do Livramento. Lá havia uma velha casa, derrubada em poucos dias, que deu lugar à estação. Algumas semanas depois, receberam carta da Prefeitura comunicando que não poderiam ocupar o local, por já haver sido tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado: na velha casa nascera o escritor Machado de Assis. O aviso chegou tarde. Depois de construída a estação, era necessário instalar os cabos telefônicos, ligando-a à CTB, por sinal a única empresa que tinha concessão para fazer o serviço, no Estado. Mais uma vez a

demora fez com que a NOVACAP instalasse os cabos sem permissão mesmo. Depois de pronto o trabalho, telefonaram à CTB solicitando a ligação final.

Foi assim, depois de tantas peripécias, que conseguiram inaugurar o sistema de microondas dois dias antes da data estabelecida pelo Presidente da República: 17 de abril de 1960.

Segundo Paulo Vianna, em 1961, um dos assessores do então Prefeito Paulo de Tarso, teve a idéia de criar a Telefônica de Brasília Ltda. — TBL. Seu estatuto foi elaborado e os nomes dos que comporiam a diretoria chegaram a ser indicados, entretanto, nada foi oficializado, pois nessa ocasião o Presidente Jânio Quadros renunciou e o projeto foi abandonado.

Em 15/10/63, o engenheiro Paulo Vianna foi dispensado, a pedido, do cargo de chefe do DTUI, passando a assessor da Presidência da NOVACAP. Atualmente, reside no Rio de Janeiro, onde possui uma fábrica de equipamentos de pressurização de cabos telefônicos. Seus negócios sempre o trazem a Brasília, a cidade que viu nascer e ajudou a falar. Brasília que lhe traz recordações e saudades.

# BRASIL, BRASIS, BRASÍLIA.

Entrevista exclusiva do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira concedida a Paulo José Araújo da Cunha

Com seu sorriso aberto e a sua eterna simpatia, que o caracterizou como um dos Presidentes mais populares do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira nos recebeu em seu gabinete, no 11º andar do Edifício-Sede da revista MANCHETE. Apesar de um acidente recente (um tombo em sua fazenda, situada no município de Luziânia, que provocou a realização de uma cirurgia para retirada de alguns coágulos), Juscelino estava bem. Melhor do que nunca. Sua boa disposição e seu bom humor foram a tônica de toda a entrevista, que se iniciou logo pelo seu susto:

— LINHALIVRE? Mas este jornal é novo... Eu não conheço... Feitas as apresentações de praxe, o ex-Presidente começou a falar, e tão fluentemente que quase não deu tempo ao repórter de inquiri-lo melhor sobre alguns aspectos da entrevista. Iniciou falando de Brasília, onde esteve recentemente, afirmando que ao retornar ao Rio notou que a cidade — agora sim — lhe provocou uma sensação de seriedade, de integridade: "é uma obra realizada. Ela transpira o clima das obras definitivas, completas."

Afirmou que a arquitetura da nova Capital servirá, para o futuro, como um marco perene do estilo moderno das construções. "Veja bem: eu conheço todos os templos, todas as construções de vulto, todos os grandes momentos da arquitetura, no decorrer da História. A arquitetura grega, a egípcia, as obras que marcaram o Império Romano, tudo, até o atingimento do estilo gótico, são coisas maravilhosas, admiráveis. Depois destas fases foi a época do estilo renascentista, que apesar de renovador, foi uma fase de transição. Depois, foi o barroco, que perdurou por pouco tempo seguido do rococó, uma fase meteórica na arquitetura. O último, a síntese, é o estilo moderno do qual, sem dúvida nenhuma, Brasília é o melhor exemplo. Estou convencido de que Brasília permanecerá, para o futuro, como a marca, insuperável, das coisas novas, revolucionárias, eternas. E alegres, diferindo do gótico, do barroco e do rococó, estilos tristes em arquitetura: o estilo moderno é e será sempre moderno, em qualquer época."

E se deixarmos, Juscelino não fica por aí. É necessário ao repórter dar uma guinada de 180 graus para fazer o ex-Presidente retornar ao assunto tema da entrevista: as comunicações nos primórdios de Brasília. Segundo ele, era um drama. Falar com Israel Pinheiro, o Diretor da NOVACAP, era um trabalho danado, através de um telefone de manivela, do Rio de Janeiro para o canteiro de obras da nova Capital. "Ora, até aqui dentro do Rio de Janeiro já era difícil a gente conseguir falar, imagine daqui para Brasília..." A demora, segundo Juscelino, era de horas, cerca de 4 horas até ser completada a ligação, que assim mesmo, não era de boa qualidade.

Com Brasília na reta final — a data da inauguração já fixada — o problema das comunicações com a cidade foi um dos que mais o preocupou. Era um grave problema, que deveria ser resolvido a qualquer custo. A oposição, na época, tinha um de seus pilares neste ponto — nevrálgico — que deveria ser atacado de imediato. "Imagine, disse, Brasília ser inaugurada sem um sistema de comunicações à altura das necessidades da nova Capital. O mínimo que poderia acontecer era uma ascensão daqueles que estavam contra a transferência e, fatalmente, eles iriam trazer tudo de volta ao Rio, novamente!" Juscelino entrou, então, em contato com as empresas fornecedoras/instaladoras de serviços de telecomunicações, para saber da possibilidade da implantação da rota Brasília—Rio em seis meses, até a data da inauguração da cidade. O menor prazo que as empresas marcavam era de três anos. E assim não seria possível. Juscelino e Israel Pinheiro decidiram, então, que o **serviço telefônico iria ficar pronto em seis meses, de qualquer maneira**. Como nenhuma das empresas quis assumir o compromisso chamou Israel Pinheiro e resolveram fazer a coisa às suas custas mesmo, pela NOVACAP. E o trabalho foi iniciado, onde até o helicóptero particular do Presidente foi empregado, para a construção da linha. Inicialmente, teve de ser construída uma estrada no sentido da rota, fundamental para o transporte dos equipamentos destinados à construção das torres (foram 52 torres, cada uma delas com uma casa ao lado). Como as torres tinham de ser instaladas sempre nos lugares mais altos, o helicóptero teve, assim, um papel fundamental. E o trabalho foi realizado deste modo, na base mesmo da coragem, do arrojo. Tudo foi feito na base do machado, da foíce, da queimada. "E descer os morros? Ah! era um problema..." Naquela época o jornalista Gustavo Corção, colunista de O GLOBO, era um dos mais combativos opositores da mudança e, de seu jornal — sua trincheira — lançava seus ataques a Brasília afirmando que nunca o serviço estaria pronto no prazo desejado, ou seja, para a inauguração da cidade, no dia 21 de abril. Tal fato levaria Brasília fatalmente a ser uma catástrofe. "Daí eu poder afirmar com tranqüilidade que aquele trabalho, tudo aquilo que foi realizado ali, foi uma aventura de que o povo brasileiro pode se orgulhar".

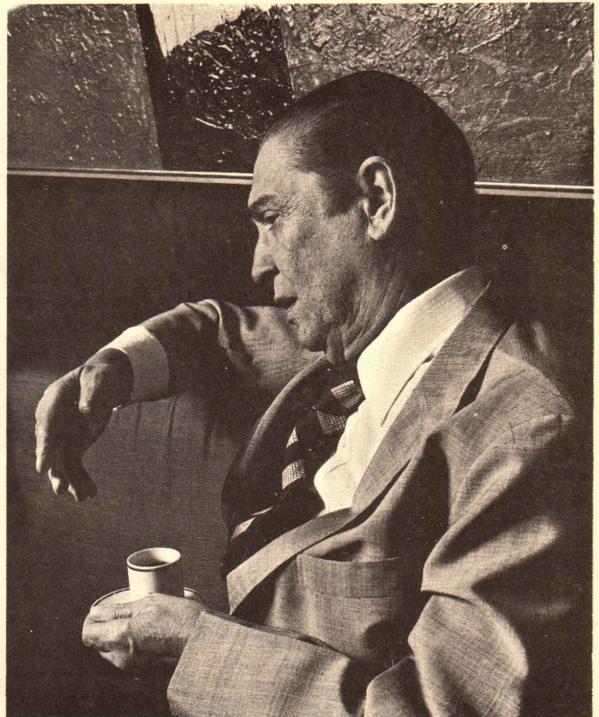
A respeito deste assunto, Juscelino ainda pretende escrever alguma coisa, com mais vagar, relatando detalhes mínimos da epopéia. Afinal, para terminar a história, o trabalho, que ninguém considerava possível, foi realizado. E o telefone falou. Na data da inauguração, Samuel Wainer fez pessoalmente uma ligação para Gustavo Corção, dando-lhe uma "gozada" e mostrando que ali estava a obra, ali estava o telefone. E falando!

Juscelino relembra tudo aquilo e não deixa de agradecer o trabalho primoroso realizado pelo engenheiro Paulo Vianna, cuja dedicação, tanto sua como de toda a sua equipe, tornaram possível o cumprimento da promessa feita ao povo brasileiro.

E continua: "O telefone me ajudou muitíssimo, enquanto fui Presidente. Pelo menos 60% de meu Governo foi feito através do telefone. E nunca deixei de atender ao telefone, mesmo que a pessoa que quisesse falar comigo fosse meu auxiliar de escalão inferior. Diariamente, pela manhã, eu fazia um check-up da situação nacional, através do telefone. Muitas vezes — e aqui abre o sorriso generoso — eu ligava para algum funcionário de um escalão inferior para saber de alguma coisa e a pessoa pensava que era trote. Aí eu tinha de dizer: quem está falando aqui é o Dr. Juscelino Kubitschek mesmo, o Presidente da República, é sério, é sério.."

Continua o ex-Presidente lembrando dos tempos áureos, no início de tudo, recordando que em Brasília, "parece, nós começamos com 5.000 telefones, pensando que tão cedo não íamos ter necessidade de instalar mais. Um mês ou dois depois, já cogitávamos da duplicação deste número, diante do progresso da cidade. E daí prá frente não se pôde mais parar".

Um dos fatos que Juscelino faz questão de frisar é o extraordinário desenvolvimento das telecomunicações no Brasil. "É algo impressionante as facilidades que temos hoje de comunicação com o mundo. Hoje a gente assiste em casa um jogo de futebol que está sendo disputado no Japão, no México etc. Vê até o homem botar o pezinho na Lua. Tudo instantâneo. Hoje mesmo pela manhã precisei falar com



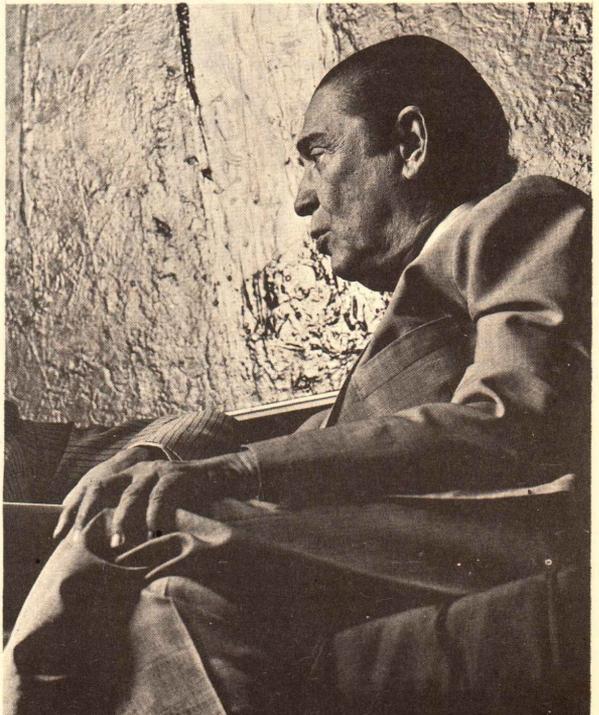
## O serviço telefônico foi fator decisivo para a consolidação de Brasília como Capital da República

minha filha, que está em Nova Iorque para tratamento de saúde. Pedi a alguém que solicitasse a ligação e já me dispunha a esperar quando um amigo me falou: que nada! O senhor já pode ligar direto, daqui mesmo, sem telefonista. É só discar o código dos Estados Unidos". Era o DDI, Discagem Direta Internacional, que o ex-Presidente ainda não conhecia. "E aí fiz a ligação: Hello! Who is there? E a voz, que parecia local: Here is New York, Mr! É fantástico, não?"

Destacou a atuação fabulosa dos que pioneiramente trabalharam com telefones em Brasília, citando — "se bem que incompletamente porque a memória nos trai, às vezes" — Dr. Israel Pinheiro, na Presidência da NOVACAP, Dr. Paulo Vianna, na chefia do DTUI e João Milton Prates, piloto da Aeronáutica, interessadíssimo por telecomunicações, o qual largou tudo o que fazia e foi trabalhar na NOVACAP, na época da implantação da rota Brasília—Rio.

Para todos os que contribuíram naquela época e que ainda hoje dão de si para a consolidação definitiva de Brasília, Juscelino afirmou que eles talvez nem avaliem a dimensão do trabalho realizado, fundamental para a manutenção e fixação das populações vindas para a nova Capital, quando tudo o que era importante estava no Rio ou em São Paulo. A par de todos os outros serviços, se não fosse a aplicação e o afinco com que foi realizado o trabalho dos novos telefones, Brasília não permaneceria muito tempo como Capital. Logo, logo, seria criada aquela atmosfera de impaciência, de reação, totalmente prejudicial à consolidação.

Finalizando a entrevista — em razão de um compromisso urgente — Juscelino mandou um abraço a todos os que trabalham na Telebrasil, afirmando que a obra que hoje realizam, a que já realizaram e a que estão para realizar, nem eles são capazes de avaliar de sua importância para Brasília. "Quando digo Brasília — ressaltou — estou me referindo à integração nacional, à Marcha para o Oeste, à exploração de regiões brasileiras totalmente virgens até alguns anos atrás e onde hoje moram milhares de pessoas, todas fraternalmente ligadas e em contato permanente através das telecomunicações".



"A construção de Brasília foi uma aventura de que o povo brasileiro pode se orgulhar hoje." Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

# Vossa Merce me permite a ousadia de convidá-la para um chá esta tarde?



Do grego, palavra à distância, já se disse quase tudo sobre sua invenção. E cem anos após esse feito, sua adesão aos hábitos diários do homem transformou-o em empregado fiel, em amigo certo e em mais uma ferramenta do progresso. Já em 1667, o físico inglês Robert Hook afirmou: — Estou convicto de que se pode transmitir o som não apenas através de um fio esticado e mantido em linha reta, mas também no caso em que esta linha apresente muitos ângulos. De fato, os chamados "telefones de cordão", copos de papel ou papélio ligados entre si por barbantes, inundaram os recantos de quase todas as cidades da Europa no século XVII, sem perder a sua concepção original de brinquedo. No século XIX, o telefone de cordão perdia um pouco seu ar de mera diversão, aperfeiçoando-se e conduzindo o som através de curvas e ângulos de uma linha, conforme previa Hook. Foi pesquisador em acústica, em fonologia, de curso em cursos, de experiência em experiência, objetivo era um só: levar a voz humana a grandes distâncias. Graham Bell baseou-se nos quinze anos de tentativas, estudos e alguns fracassos de Johann Philip Reis em transmitir música e voz cantada, sem atingir o que era realmente procurado. Era apenas um "telefone musical". Bell sabia que era preciso estudar mais e mais e sua era a condição vital para o prosseguimento das experiências. Ele e seu irmão chegaram até a construir um crânio equipado com uma réplica rudemente do aparelho vocal. Escotei de Edimburgo, Graham Bell nasceu em 3 de março de 1847. Aos 21 anos, em Londres, dedicou-se a fim de obter conhecimentos sobre o que hoje chamamos fonática; concluiu até que o som conduzido por uma vogal era o resultado de uma combinação controlada de emissão de ar, partida das diferentes cavidades da boca humana. Bell não aceitava a marginalização imposta aos surdos-mudos e sentiu que nos Estados Unidos havia possibilidade de trabalhar cada vez mais para o bem da humanidade e, em 1872, abriu, em Boston, uma escola modesta, a "School of Vocal Physiology", para formação de professores de surdos e mudos e familiarização com os complexos e delicados mecanismos anátomo fisiológicos da fala. Continuando sempre seus estudos, Bell, que até então não realizava experiências com a eletricidade, tomou conhecimento de tentativas de combinação de notas emitidas por diapásos sintonizados, conduzidos eletricamente e que produzem sons sintéticos de vogais. Mas o telefone esperava por ele. Bell não inventou o telefone como hoje o entendemos; o que ele realmente criou foi o meio de transmitir eletricamente, através de fios, o som das palavras. Em suas experiências, Graham Bell, que não possuía muita habilidade manual, chegou a conclusão de que podia muito tempo na fabricação das partes mecânicas do invento e procurou ajuda na loja de artigos elétricos de Charles William Johnson, o homem destacado para ajudá-lo, o reparador mecânico e eletricista Thomas A. Watson veio a ser seu braço direito, participando ativamente de todas as lutas e esforços que o levaram a produzir o telefone. Juntos, trabalhavam incansavelmente, e na noite de 2 de junho de 1875, conseguem fazer com que a corrente variasse, obtendo a transmissão dos primeiros sons parecidos com a voz humana, deu-se o nascimento do telefone, quando Thomas Watson ouviu nitidamente a voz de Bell falando do outro lado da sala em que trabalhavam. Entretanto, outro homem perseguia o mesmo objetivo de Graham Bell. Era Elisha Gray, eletricista especializado em telegrafia, que já pesquisara desde jovem, no Colégio Oberlin, em Chicago e havia trabalhado sobre a teoria de um diapasão que permitisse a transmissão de seis a oito mensagens sincrônicas por um único fio, chamando-o de "telégrafo harmônico". Ambos, pesquisando separadamente, parecem ter chegado à idêntica solução do telefone ao mesmo tempo e, no dia 14/2/76 eles entraram nos seus pedidos de patenteação do invento, com a diferença de apenas duas horas um do outro. Graham Bell chegou antes e obteve a patente nº. 174.465, consagrando-se como o inventor do telefone. Os fundamentos da invenção subsistem até hoje e já não é mais possível imaginar a civilização em que vivemos sem sua presença. Hoje não existem mais limites para a fala humana. O universo dos que trabalham neste serviço são beneficiários da inteligência e da vontade de servir de Alexander Graham Bell e todos os progressos surgidos depois são a consequência da tenacidade, do valor e da capacidade de seus seguidores. Em 30 de maio de 1876, abriu-se em Filadélfia a Exposição Comemorativa do Centenário da Independência dos Estados Unidos e Graham Bell apresentou seu invento ao mundo. Os participantes da Exposição, a princípio céticos, passaram a olhá-lo com respeito e admiração desde o momento em que o imperador do Brasil, que já o conhecia, entusiasmou-se pelo aparelho. O Bell System, permanente tributo ao gênio de A. G. Bell, é hoje um império. Sua "holding", a AT&T, o Western Electric, além de mais de 22 subsidiárias, detêm hoje 115 milhões de telefones, 1/3 do total do mundo, com um patrimônio de mais de 150 bilhões de dólares, produzindo uma receita anual de 27 bilhões de dólares e empregando mais de um milhão de pessoas. Muito acima, porém, dos méritos do inventor bem sucedido e de empresário que nunca quis ser, colocamos suas virtudes de humanista, de professor de surdos-mudos e de benfeitor da humanidade. O mundo moderno, no qual o telefone é peça indispensável, compreende que A. G. Bell estava com inteiro razão ao afirmar: "É concebível que cabos de fios telefônicos possam ser lançados sob a terra, os suspensos em postes, comunicando-se por meio de fios ramaís, com habitações particulares, casas de campo, lojas, fábricas etc., que se ligariam, através do cabo principal, com uma instalação central, onde os fios poderiam ser conectados com se desejasse, estabelecendo comunicação direta entre dois pontos quaisquer no território da cidade. Acrescido finalmente, que um plano como esse, embora ficcional, é praticável no momento, venha ser o passo inicial para a introdução do telefone no uso público. Não apenas isso, mas creio que no futuro haverá fios ligando as instalações centrais da companhia telefônica em diferentes cidades, e que uma pessoa, em qualquer parte do país, poderá comunicar-se, de viva voz, com qualquer outra, num lugar distante."

O telefone de cordão, mero brinquedo no século XVII perdeu seu ar divertido aos poucos e no século XIX, foi se aperfeiçoando até fazer com que o som, antes emitido através de um fio reto, pudesse fazer curvas e ângulos. Era o começo desta invenção que transformou o mundo moderno: o telefone.

Das senhoritas e do século passado muito mais de cinco para fazerem um às ligações atuais que comunicação quase que porque a demora ao congestionamento do foram cem anos. Fatos dados acumulados, deixa à mais pro-

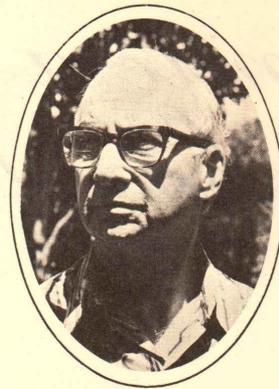
Obrigado Bell O comunica, após congestionamento religioso, políticas



Marisa Tosta



Marília Tosta



Ernesto Silva

"As meninas cariocas" carinhosamente chamadas por Israel Pinheiro, foram as primeiras telefonistas mulheres de Brasília.

As irmãs Marisa e Marília Tosta eram apenas duas adolescentes quando chegaram em Brasília, em junho de 1957, e começaram a trabalhar como telefonistas (as primeiras telefonistas mulheres) na pioneira DCTA. Hoje, casadas e secretárias da Procuradoria Geral da República, nos contam como eram os serviços de comunicações, na época em que iniciaram. — Quando chegamos, os irmãos Antônio e Edmundo Alarcão trabalhavam sozinhos no Centro Telefônico: um ficava no VHF, e o outro na mesa de PBX. Depois começamos a fazer escalas de serviço. Normalmente, trabalhávamos durante o dia, e os rapazes revezavam-se no plantão noturno. Segundo Marisa, o tempo em que morou no acampamento da Velhacap — entre 1957 e 1960 — foi a melhor fase de sua vida. Mas elas ainda lembram da tragédia que foi a transferência do pai, Isac Tosta — funcionário da NOVACAP — para Brasília. Marília, então com 15 anos, chorou durante as cinco horas que o avião da Real Transportes Aéreos levou do Rio até aqui.

Como não tinham o que fazer no acampamento conseguiram convencer o pai a deixá-las trabalhar. A convite de Orlando Gaglianone, foram para o Centro Telefônico. Lá, elas completavam as ligações internas entre os ramais do acampamento, através do PBX, e por meio do aparelho VHF, comunicavam-se com o Palácio da Alvorada, Construtora Rabelo e com os diretores e Presidente da NOVACAP. Estes últimos possuíam em seus carros receptores VHF, que permitiam localizá-los em qualquer lugar que estivessem. Marisa e Marília trabalharam como telefonistas até 1960, quando foram transferidas para a Divisão de Documentação da NOVACAP. Nessa época, já havia sido criado o DTUI. Uma figura da qual até hoje nenhuma das duas esquece é a de Israel Pinheiro. Quando tocam no nome dele sentem uma imensa nostalgia. — Ele só gostava de falar no telefone conosco. Sempre que nos encontrava fazia uma festa. Por muita vezes, enquanto almoçávamos, fomos chamadas para fazer ligações para ele. Israel Pinheiro as apelidou de "meninas cariocas".

"O urbanismo é a medicina da humanidade. Ninguém melhor que um médico para saber o que é ou não adequado para o homem." Ernesto Silva.

Ernesto Silva, carioca e médico pediatra, foi um dos mais ativos personagens da história de Brasília. Foi Secretário da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil, de 1954 a 1955. Depois disso passou a presidente da Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital Federal, em 1956. Quando a NOVACAP foi criada e a construção de Brasília teve início, Dr. Ernesto foi nomeado Diretor da NOVACAP, ao lado de outros pioneiros ilustres como Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Íris Meinberg e Moacyr Gomes de Souza. É autor do livro "História de Brasília" onde conta fatos interessantes e até então pouco divulgados sobre a construção da nova Capital. Naqueles primeiros anos de vida de Brasília, diz ele, não havia tempo para burocracia. Os processos não eram protocolados, assinava-se cheques em cima de um carro qualquer e muitas reuniões de Diretoria foram feitas ao ar livre, aproveitando-se um momento em que todos os diretores estavam juntos. E era assim, um ia e chamava os outros: —Ô, Íris, Moacyr, venham cá! Que é que vocês acham de tal coisa? Quando aprovavam então era só mandar constar em ata. Em 1961, Ernesto deixou a direção da NOVACAP e foi ser Conselheiro da Fundação Hospitalar e da Fundação Educacional. Depois disso passou a clinicar. Exerceu também os cargos de diretor médico do Hospital Distrital de Brasília e presidente do Instituto Histórico. Atualmente é presidente da Aliança Francesa, do Kennel Clube e da Sociedade de Pediatria de Brasília, além de médico do Hospital da L-2 Sul.

Frequentemente o Dr. Ernesto é procurado por estudantes que querem fazer pesquisa sobre Brasília. Indagado sobre o porquê de um médico na construção civil, ele disse: "O urbanismo é a medicina da humanidade. Ninguém melhor que um médico para saber o que é ou não adequado para o homem."

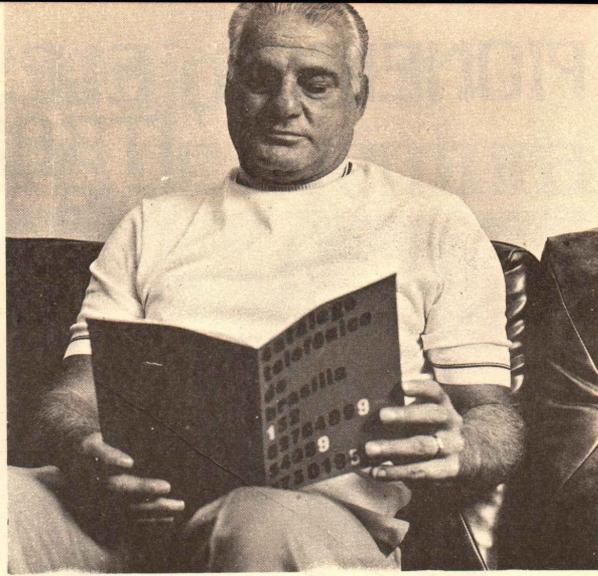
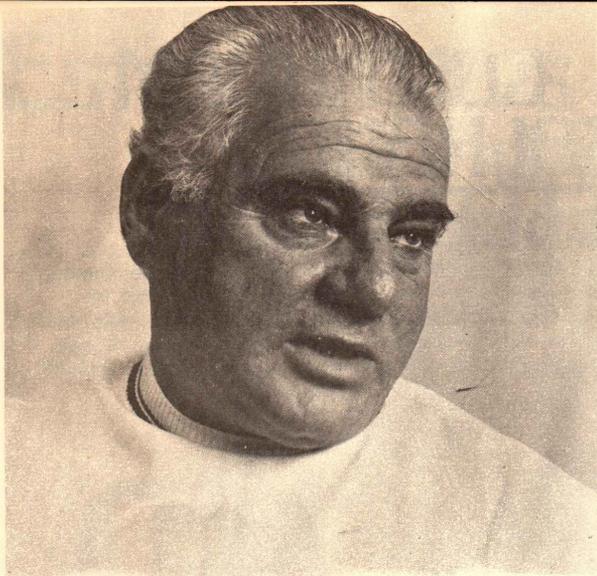


Edmundo Afonso Alarcão

EDMUNDO, O MENINO QUE APRENDEU CÓDIGO MORSE MUITO CEDO.

As duas primeiras pessoas a trabalharem como telefonistas em Brasília foram homens: Iran Cunha, que inaugurou a mesa de PBX da Velhacap, instalada no princípio de 1957, e

Edmundo Afonso Alarcão, que iniciou no trabalho poucos dias depois que o primeiro. Goiano de Planaltina, 43 anos, Edmundo Afonso revelou que não veio para Brasília: "eu já estava esperando ela nascer aqui mesmo." Segundo ele, a primeira "central" de Brasília — com 20 ramais internos foi instalado pelo técnico Dalton Feijó (cunhado de Marisa Tosta), que o ensinou a lidar com o PBX. Como Iran ficou muito pouco tempo no Centro Telefônico, o irmão de Edmundo, Antonio Alarcão (falecido recentemente) veio substituí-lo. Os dois irmãos trabalharam sozinhos alguns meses, até que, em julho do mesmo ano, chegaram as duas primeiras telefonistas mulheres, Marisa e Marília Tosta. Em fevereiro de 1959, a DCTA instalou os primeiros telefones automáticos em Brasília. Mais ou menos por essa época, Edmundo saiu da NOVACAP, e foi para a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, onde permanece até hoje. — Antes de vir para Brasília, eu já prestava serviços como telegrafista na Agência do Correio em Luziânia. Aprendi Código Morse, ainda criança, com um agente do Correio em Planaltina.



## “AS ÁRVORES ERAM CORTADAS, SECAS AO SOL E SERVIAM DE POSTES PARA A REDE AÉREA.”

Brasília foi uma tarefa árdua que ele contempla de longe, mas assim mesmo envia sua mensagem de otimismo para todos nós. Gaglionone.

Dr. Orlando Gaglionone, ou melhor “comandante Orlando”, como é conhecido pelos mais chegados foi quem, realmente, começou tudo. Admitido na NOVACAP em 10/10/56, Gaglionone foi nomeado e iniciou suas atividades em inícios de 1957 como o primeiro Diretor da pioneiríssima DCTA, Divisão de Comunicações e Transportes Aéreos, órgão subordinado ao Departamento de Transportes e Comunicações da NOVACAP. Foi a DCTA que instalou, realmente, os primeiros telefones em Brasília.

O órgão, lembra o “comandante”, funcionava na W-3 Sul, Quadra 508 e só depois de algum tempo foi transformado em DRET, Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas, que teve rápida duração (cerca de 6 a 8 meses).

Um dos grandes orgulhos do “comandante Gaglionone é a Torre de Televisão de Brasília, que, embora pouca gente saiba, foi erguida com tecnologia nacional e pessoal próprio ou contratado da DRET.

Além da estação na W-3, lembra Gaglionone, haviam as outras estações, espalhadas pelos pontos mais importantes do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte etc. Todas elas funcionavam através de rádio e também com fonia. No Rio e em São Paulo as estações de rádio eram acopladas ao sistema telefônico, tornando possível ao presidente Juscelino falar com Israel Pinheiro, em Brasília. Naquela época de desbravamento, de muita coragem e arrojo, Jayme da Costa Ribeiro, hoje Assessor Especial da Presidência da Telebrasil, desenvolvia atividades e emprestava a sua simpatia e atenção a todos os grandes centros do País, pois era rádio-telegrafista da DCTA. Era este sistema o responsável pela comunicação entre as pessoas que trabalhavam em Brasília e suas famílias espalhadas pelos quatro cantos do País. Também era o serviço de rádio-telefonía o sistema que possibilitava às empresas de construção daquela época (Coenge, Rabelo, Pederneras, Metropolitana — que

construiu o antigo aeroporto — etc.) mandarem buscar no Rio e São Paulo os materiais de construção, máquinas, entre outras coisas, para realizarem a construção da mais moderna cidade do mundo.

Os serviços via rádio eram gratuitos, naquela época, e funcionavam em determinados horários do dia, lembrando um pouco o que acontece nas pequenas cidades brasileiras em relação à luz elétrica, impreterivelmente desligada às 23 horas, após uma piscada que serve de “sinal”. Segundo o “comandante”, o serviço era bom e funcionava “direitinho”, tanto na parte de rádio, de Brasília para os outros centros, quanto os telefones locais, que eram manuais, e a central, Ericsson. A montagem deste equipamento foi acompanhada pelo engenheiro Joaquim Fontoura que, aliás, foi quem realizou a primeira ligação, recebida extra-oficialmente pela Senhora do comandante Gaglionone, Dona Alda. A manutenção era feita pelo técnico da Ericsson, Arnaldo.

Gaglionone afirmou que os antigos funcionários da DCTA/DRET têm hoje um orgulho justificado daquela época, porque o trabalho era pesado a ponto de eles terem de se embrenhar pelos cerrados à procura de boas árvores, cortá-las, descascá-las e deixá-las ao sol para secar, a fim de transformá-las em postes que sustentavam a rede aérea dos telefones na Brasília daquele tempo. Esta rede, por sinal, não era tão pequena, pois ia da W-3 Sul até o Palácio da Alvorada e ao Brasília Palace Hotel.

— E voltar a Brasília, Dr. Orlando?

— Não, não daria mais. Já casei dois filhos, morei 16 anos em Brasília — vim embora em 1970 — quando, ainda na NOVACAP, exercia a Chefia da Divisão de Transportes. Vou sempre a Brasília, rever meus dois filhos que hoje moram lá, mas não pretendo mais me fixar lá. O Rio de Janeiro é mais forte, principalmente para um carioca inveterado como eu sou. Brasília é hoje apenas uma tarefa — árdua tarefa — já cumprida, com orgulho.

Hoje, seus dois filhos moram e gostam de Brasília: são eles Carlos Orlando Gaglionone, atualmente Chefe da Divisão de Compras da CEB e Vera Lúcia Gaglionone Passane, esposa do advogado Luiz Roberto Passane.

Gaglionone torce pelo Vasco e, apesar de o repórter ter dito que era flamenguista, o Comandante não se alterou e disse que não era o caso de serem inimigos: “são dois times bons, cada um com seu valor junto às suas torcidas”.

Dona Alda lembra com uma “saude aliviada” enquanto servia o cafezinho, da época em que o motor elétrico funcionava em horários certos. Eram nestes pequenos espaços de tempo que as donas de casa podiam passar a roupa da família. A primeira ligação telefônica em Brasília (telefones automáticos), recebida pela Dona Alda, foi carinhosamente assinalada de seu próprio punho na primeira lista telefônica de que se tem notícia, e aconteceu em 18 de fevereiro de 1959, quando já era DTUI.

Para os que hoje batalham pelas telecomunicações em Brasília o “comandante” de olhos azuis e tez avermelhada, que bem demonstram sua ascendência italiana, tem um recado:

— Trabalhar com o mesmo carinho, como o mesmo amor, pois os resultados são gratificantes e aparecem sempre em forma de boas obras. Tenho muito orgulho daquele tempo, do trabalho duro, com prazos rígidos, inadiáveis. Era cansativo, não dava tempo para repouso, para futebol, para nada. Mas era bom.

Enquanto isso, César Orlando Gaglionone, o filho mais moço da família, que chegou a Brasília com 2 anos e saiu com 16, recorda suas brincadeiras naquela época em que não havia parque infantil e o cerrado fornecia os momentos de lazer infantil: pegar os gambás do cerrado e levá-los para casa. Dona Alda dava uma bronca danada por causa daquele cheirinho...

# PIONEIROS, ELES CONTINUAM TRABALHANDO NA TELEBRASILIA



*Eduardo, de Piracanjuba*

Ele provou a sua versatilidade em Brasília como cantor, ator, pintor de telas e também no DTUI. Eduardo, ou melhor, Fernando Lopes.

Goiano de Piracanjuba, 43 anos, Eduardo Gomes de Farias, conhecido no meio jornalístico sob o pseudônimo de "Fernando Lopes", chegou a Brasília em março de 1959, para trabalhar como cantor na recém criada Rádio Nacional. Como seu expediente na emissora era noturno, foi contratado pela DEDC — Departamento de Educação e Difusão Cultural da Novacap — onde fazia de tudo: pintava telas decorativas para visitas ilustres, promovia shows e peças de teatro, tendo sido, inclusive, um dos primeiros atores de Brasília. Com a extinção do DEDC, Eduardo foi lotado no DTUI, no Departamento que cuidava de PBX, e que ficava situado numa sala do Ministério da Saúde. Lá, ficava-se praticamente sitiado: o transporte era feito através de cinco jipes.

— Um dia — lembra ele — estávamos verificando a mesa de PBX do Bloco 11 da Esplanada dos Ministérios, quando chegou um cidadão solicitando o conserto de um defeito no PBX: do bloco 10. Só depois de algum tempo, notamos que ali estava João Goulart, na época (1961) Vice-Presidente da República, e que já começava a aparecer como figura de destaque na política nacional.

Eduardo lembra ainda que só existia PBX em alguns Ministérios, e nos Palácios da Alvorada e do Planalto. Atualmente, Eduardo chefia o setor de Atendimento do Centro de Serviços do Departamento de Operações Comerciais, onde já trabalha há oito anos, lidando com ordens de serviços.

À noite, Eduardo é "Fernando Lopes", coordenador de programação da TV-Rádio Nacional, e, também, o popular jornalista do Correio do Planalto, onde escreve a coluna diária "Voo noturno".



*Luiz, de Maceió*

Da CTB, no Rio ele veio para Brasília em 1960, quando, então, entrou para o DTUI, lotado no Exame de Linhas onde está até hoje. Luiz.

Luiz Alves Silva considera-se "alagoiano", ou seja, nasceu em Maceió—AL, foi criado no Rio e depois veio para "Goiás", para a Capital da Esperança.

Trabalhava na CTB quando decidiu tentar a vida em Brasília. Chegou no dia 22 de maio de 1960, pouco depois da inauguração da cidade e, em 27 do mesmo mês, foi admitido no DTUI. Naquele tempo, o DTUI funcionava na W-3 Sul, Quadra 508, onde hoje é o Posto de Serviços nº 1 da Telebrasil. Luiz era lotado no Exame de Linhas.

Foi ele quem fez a transferência da estação provisória para a definitiva. Diz que o sistema telefônico na época era Crossbar e que "funcionava jóia". As maiores dificuldades foram por ocasião da ampliação do sistema, porque os homens tinham que trabalhar no mato, sujeitos a mil riscos.

Lembra-se que, no início de 1960 havia cerca de 120 empregados no DTUI e funcionavam mais ou menos uns 250 telefones. Hoje, com 53 anos, "Seu" Luiz continua no Exame de Linhas, com o mesmo entusiasmo com que começou há 16 anos atrás e lembra, com saudade, dos primeiros tempos da telefonia em Brasília.



*Dolores, de Campo Grande*

Ele foi um dos primeiros moradores da quadra 713 Sul, numa casa construída pela Fundação da Casa Popular. Antônio Dolores.

Antônio Dolores de Matos, natural de Campo Grande, Mato Grosso, trabalhava na cidade paulista de Tupã, quando veio para Brasília em outubro de 1958. Tinha 24 anos e dois amores: a esposa, Angelina Joana e a filha, Maria Cristina.

Para ele, foram difíceis os três primeiros meses, em Brasília. Inicialmente, morava na casa da irmã, depois de janeiro de 1959, quando a esposa e a filha chegaram, foi morar numa casa que comprou na 713 Sul, uma das 500 primeiras, construídas em Brasília, pela Fundação da Casa Popular.

Antônio começou no Departamento Geral de Contabilidade da Novacap. Ele recorda que o primeiro telefone residencial automático foi instalado na casa de Targino Pereira da Costa, chefe do Departamento de Águas e Esgotos, em fevereiro de 1959.

Por volta de 1966, foi requisitado para o Ministério das Minas e Energia, onde ficou durante oito meses. Depois voltou para a Novacap, saindo de lá em 68, com a criação da Cotelb. Atualmente ele está lotado na Seção de Recrutamento da Divisão de Seleção e Treinamento, no SIA, exercendo a função de Auxiliar de Administração. Além de Maria Cristina, "Seo Dolores" tem mais três filhos, estes nascidos em Brasília.



Jayme, de Uberlândia

O menino que, de repente, estava na capital federal mostrando para o espanto de muitos que sabia usar o rádio-telógrafo. Jayme.

Jayme da Costa Ribeiro é mineiro de Uberlândia há 39 anos. Em 1955, quando começou a campanha eleitoral de Juscelino Kubitschek, Hilton Machado, dono da Nacional Transportes Aéreos colocou um avião à disposição do candidato a presidente. Jayme trabalhava na Nacional como rádio-telegrafista ao lado de Orlando Gaglianone que ocupava o mesmo cargo.

Eleito, Juscelino, em 1956, disse que queria na NOVACAP o grupo da Nacional que trabalhara para ele.

Um serviço de rádio seria instalado na futura Capital e era preciso a vinda de um rádio-telegrafista. Como era solteiro, Jayme se ofereceu para vir. Chegou a Brasília no dia 10 de novembro de 1956, quando então foi inaugurado o serviço de rádio, falando com o Palácio do Catete, no Rio, até que a NOVACAP adquirisse outra estação para sua sede no Rio de Janeiro.

Como não aparecia ninguém que quisesse vir para Brasília, Jayme foi ficando. Em 1960, foi requisitado pelo engenheiro Paulo Vianna para o DTUI e lotado no Gabinete do chefe do Departamento Comercial, como assessor. Na ocasião fez estágio em todos os departamentos, inclusive no de Tráfego. Depois, foi chefe do Serviço de Cadastro e do Serviço de Faturamento.

Em 1969 fez curso de Processamento de Dados da IBM. Em 1971, quando a COTELB firmou o convênio para utilização dos computadores da NOVACAP, Jayme foi nomeado Chefe de produção da Informática, onde ficou até 1973. Nessa época voltou a ser assessor do chefe do Departamento Comercial.

Em junho de 1974, quando foi criada a Diretoria Representante do Distrito Federal, Jayme passou a ser assessor do diretor. Em outubro de 1975 o presidente Areno Pires o convidou para ocupar o cargo de assessor especial da Presidência. Com a posse do coronel Danton na mesma época como diretor representante do Distrito Federal, passou a acumular os dois cargos.

Como fato pitoresco ele conta que, em 1956, Israel Pinheiro veio a Brasília e não o conhecia. Manifestando desejo de falar com o Rio, foi levado até o rádio-telegrafista. Quando o viu, Israel disse: "Mas você, tão menino, vai dar conta de fazer funcionar o aparelho?" Ao que o Jayme respondeu: "O que importa não é a idade, doutor, e sim, a antena."

Este ano, Jayme completará 20 anos de Brasília. Seu trabalho o tornou conhecido de todos ou quase de todos os empregados da Telebrasil, e quem quiser encontrá-lo, é só ir ao 11º andar do Edifício-sede



Alba, de São João Del Rey

Há muitos anos atrás, ela já provava para muita gente que a mulher tem fibra, boa vontade e ideal: o amor à aventura a trouxe para Brasília. Alba.

O amor à aventura foi motivo para Alba Alves Mafra, mineira de São João Del Rey, deixar a siderúrgica de Volta Redonda e vir para Brasília. Isso aconteceu no princípio de 1959, quando começou a trabalhar na Seção de Pessoal da Novacap. Naquela época, as folhas de pagamento eram todas datilografadas pelos empregados da seção.

Alba recorda que as primeiras instalações da Novacap ficavam no acampamento da Velhacap — próximo ao Núcleo Bandeirante — onde funcionava tudo: alojamentos (feminino de um lado e masculino de outro) e escritórios.

Com o desmembramento da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas — DRET — em dois órgãos, ela foi transferida para o DTUI, onde foi trabalhar no setor de microondas. Lá, ela controlava a verba destinada ao funcionamento do sistema que existia para o Rio, Belo Horizonte e Uberlândia. Essa verba era a maior que a Novacap concedia: 5 mil cruzeiros. "Mesmo assim — disse ela — algumas vezes o sistema todo parava porque não havia dinheiro para comprar gasolina".

Alba disse que passou uns maus momentos em Brasília. Uma vez chegou a chorar de fome: tinha dinheiro, mas não tinha onde comer, nem como fazer comida. O problema da alimentação só ficou resolvido depois que ela fez amizade com Dona Dolores — a primeira mulher a pisar em Brasília, e cozinheira de Juscelino e Israel Pinheiro — que passou a lhe fornecer refeições.

Atualmente, Alba trabalha na Assessoria da Diretoria de Operações e fala sorridente: "foram tempos difíceis, quando o gosto pelo trabalho e a curiosidade por tudo o que é novo eram o suporte principal".



João, de Mundo Novo

Da Bahia para cá, a emoção de usar o telefone e a construção do primeiro posto telefônico na W-3 Sul. João Cedrás.

João Cedrás de Oliveira morava em Rui Barbosa, na Bahia, quando, em agosto de 1960, resolveu vir para Brasília em busca de melhores dias. O início aqui foi difícil. Sozinho, sem a mulher e os filhos que ficaram na terra natal, o baiano iniciou a sua nova vida na construção civil, como pedreiro. "Foram 12 meses de luta" — recorda o Sr. João — "os mais difíceis da minha vida".

Em setembro de 1961, João Cedrás conseguiu um emprego no antigo DTUI. Como ele recorda, naquela época, o sistema telefônico da cidade era formado por telefones de magneto e automáticos. Havia ao todo, cerca de 800 aparelhos. Com um salário de Cr\$ 65,00 por hora, ele começou a trabalhar na empresa como encarregado de construção. O primeiro posto telefônico da W-3 Sul foi construído sob sua orientação.

João Cedrás conta que pouco ou quase nada sabia de telefone, pois, a sua cidade, na Bahia, não dispunha deste tipo de serviço. A primeira vez que usou um telefone foi em Brasília, no escritório da firma construtora, onde trabalhou inicialmente.

Integrando-se cada vez mais à empresa exercendo várias funções, "Seo João" foi "com muito orgulho", o Empregado Padrão—71 da então Cotelb.

Atualmente, com 14 anos de serviços prestados à Telebrasil, João Cedrás mora no Cruzeiro Velho, em casa própria. Dos 19 filhos que teve com Da. Orfina, sua esposa, dois trabalham na empresa: Clarismundo Santos de Oliveira (lotado na Diretoria Econômico-Financeira) e Carlos Alberto Santos de Oliveira (ascensorista).

João Cedrás nasceu na cidade de Mundo Novo a 15 de julho de 1915. De origem humilde, só teve oportunidade de frequentar o curso primário, pois, ainda muito jovem, teve que começar a trabalhar. A sua primeira profissão foi a de ferreiro. Não gosta muito de futebol, mas faz a sua "fezinha" na Loteria Esportiva. Se ganhar pretende "ajeitar a vida dos filhos".



*Joaquim,  
de Conceição do Norte*

Precursor, ele começou a trabalhar no serviço telefônico do DF em agosto de 1958, e conta um caso interessantíssimo. Joaquim.

No ano de 1960, dois empregados do antigo DTUI foram fazer a extensão de um telefone na residência do deputado Jofre (que também era juiz), na SQS 108. Não se sabe por que, com medo dos técnicos, o parlamentar acompanhou todo o trabalho armado de uma metralhadora. Desconfiados e medrosos, os empregados do DTUI se atrapalharam e abriram buracos em quase todas as paredes do apartamento, que ao final do serviço estava aos pandarecos.

Quem conta o episódio é Joaquim Gomes Bandeira, também, um dos primeiros empregados do DTUI em Brasília. Joaquim começou a trabalhar no sistema telefônico da Novacap em agosto de 1958 como guarda-linha. Em 1960, chefiava os empregados que esburacaram as paredes do apartamento do deputado.

Joaquim Gomes Bandeira é goiano de Conceição do Norte e veio para Brasília em fins de 1958. Naquele tempo, o sistema telefônico era formado de uma rede de telefones de magneto, num total de 150 terminais. Destes, entretanto, apenas 50 funcionavam. No primeiro Centro Telefônico, funcionava também a Administração.



*Tasso,  
de São Luiz do Maranhão*

Ele era um dos 300 empregados do DTUI, que funcionava num edifício residencial da SQS 408 e lembra o dia de pagamento. Tasso.

Tasso Domingues Vieira deixou a mulher e os filhos em sua terra natal, São Luiz do Maranhão, e veio para Brasília em fevereiro de 1962, para trabalhar no DTUI. Em São Luiz, ele era funcionário da Petrobrás e estava entre os 200 homens que foram demitidos, quando a empresa teve de encerrar suas explorações, pois o petróleo escasseou. Quando chegou a Brasília o DTUI funcionava num edifício residencial da SQS-408 e possuía cerca de 300 empregados. A maior parte da rede telefônica era aérea, sendo que em algumas áreas já existia rede canalizada. A primeira torre de microondas era situada na W-5 Sul, perto do Setor de Rádio e TV. Uma das maiores alegrias de Tasso foi quando, em maio de 1962, pediu e obteve permissão para ligar pela primeira vez para o Maranhão. Ele chegou ao posto às 7 horas e só conseguiu ligação às 11 horas. Falou com a esposa, graças ao auxílio e paciência das telefonistas do Rio e de Belém: Tasso falava, a telefonista do Rio transmitia o recado para a de Belém, que o retransmitia à sua esposa. Tasso ainda lembra como era feito o pagamento do pessoal do DTUI: "dois empregados saiam do Núcleo Bandeirante — cada um com um revólver velho e dois sacos de aniagem — até o Banco do Brasil, onde sacavam o dinheiro. À noite o pagamento era enovelado para ser distribuído no dia seguinte.

Tasso Domingues continua na Telebrasilíia. Atualmente, trabalha na Consultoria Jurídica.



*Afonso Celso, de Balsas*

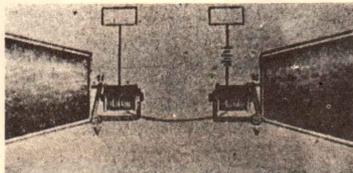
Trinta cruzeiros era o preço de um telefone por volta de 1960, o aparelho muitas vezes era usado para trote em garotas. Afonso Celso.

Afonso Celso de Albuquerque e Silva, 42 anos, assessor do Departamento de Relações Industriais, ainda estudante veio conhecer a futura sede da nova Capital, em 1957. O maranhense de Balsas gostou do canteiro de obras, do entusiasmo dos pioneiros, e poucos dias depois deixava Goiânia onde morava há nove anos para trabalhar em Brasília. Começou trabalhando no setor de Pessoal da Novacap, de onde só saiu em 1968, com a criação da Cotelb. Dos tempos pioneiros, ele recorda que as chamadas para a telefonista eram feitas através de uma manivela. E quando iniciou-se a comercialização dos primeiros telefones, por volta de 1960, era muito fácil adquirir um aparelho: pagava-se seis prestações de cinco cruzeiros, e dava-se um endereço qualquer do Plano-Piloto.

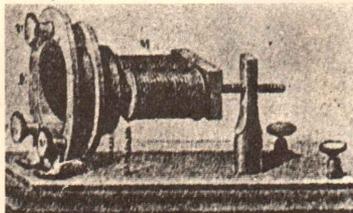
— Havia casos — conta ele — em que o mesmo endereço era indicado por cinco ou mais assinantes diferentes. Isso acontecia porque a maioria das pessoas morava em alojamentos, onde não se permitia a instalação de telefone particular. Então, quem tinha um amigo com casa própria, dava o endereço dele. Afonso Celso lembra ainda que a diversão dos rapazes solteiros era passar "trotetes" nas moças com o fim de conseguir uma namoradinha. Assim, segundo ele, o telefone servia não só para o trabalho sério e árduo do dia a dia, mas também para aliviar um pouco a solidão e a monotonia dos que aqui estavam, longe das famílias.

*Homens de Telefonia construtores  
do congraçamento entre os  
POYOS.*

# FOTODOCUMENTO



Desenho do telefone que Bell apresentou, juntamente com o pedido da patente da invenção em 1876.



Este telefone foi apresentado por Bell na Exposição de Filadélfia, em 25 de junho de 1876.



Central de correspondência telefônica, 1880, Paris.



O telefone nos fins do século XIX



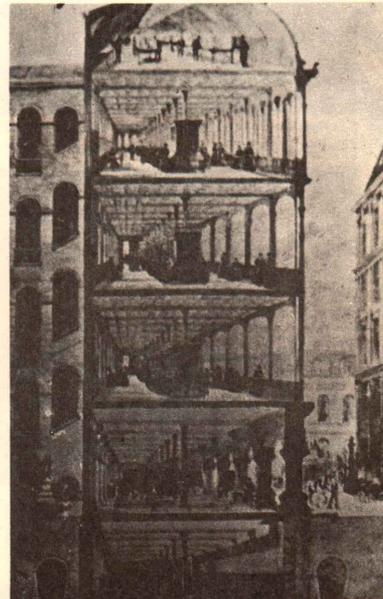
Graham Bell inaugurando a linha telefônica de Nova Iorque a Chicago, em 18 de outubro de 1892.



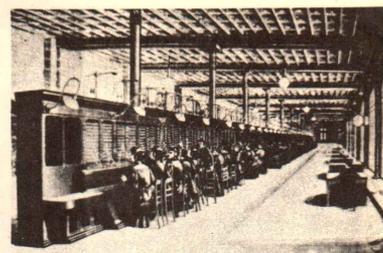
O povo parisiense utilizando o telefone, na Exposição Internacional de Eletricidade em Paris (1881)



Um dos modelos antigos de telefone para escritório (Berthon—Ader).



Estação Central de Telefones, século XIX, França



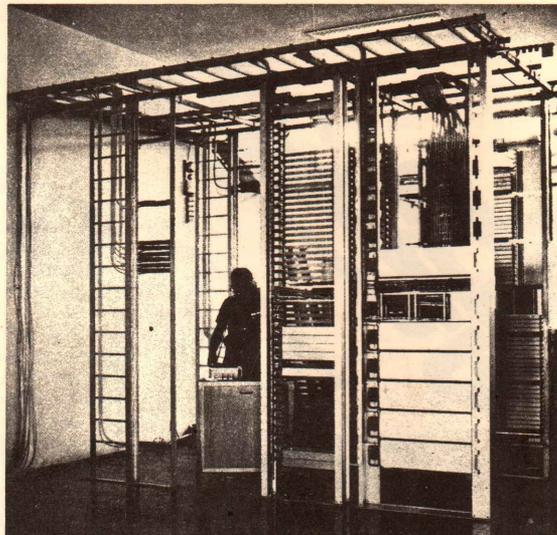
O serviço de tráfego da Rua Gutemberg, em Paris, onde trabalhavam as telefonistas que serviam 6.000 assinantes.



Um dos diversos modos de se usar o telefone no século XIX



Serviço de Tráfego interurbano do DTUI, na época da inauguração de Brasília. (fotos Manchete—Rio)



Os primeiros equipamentos de comutação da Central Sul — Abril/60. (foto Manchete—Rio)



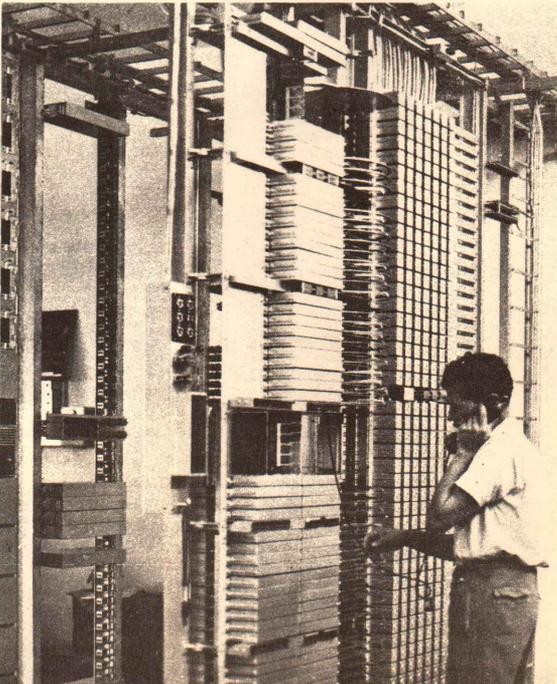
Posto Telefônico do Plano-Piloto, DTUI, 1965.



Paulo Viana assina contrato com a Ericsson, 1963.



O próprio modelo do aparelho, a roupa e o corte de cabelo da usuária identificam o ano em que a foto foi feita: junho de 1958, ano em que Marilyn Monroe era sucesso. (foto da Agência—JB)



Esse equipamento de comutação permitiu que, em fevereiro de 1959, o DTUI instalasse os primeiros 200 telefones automáticos em Brasília. (foto Manchete—Rio)



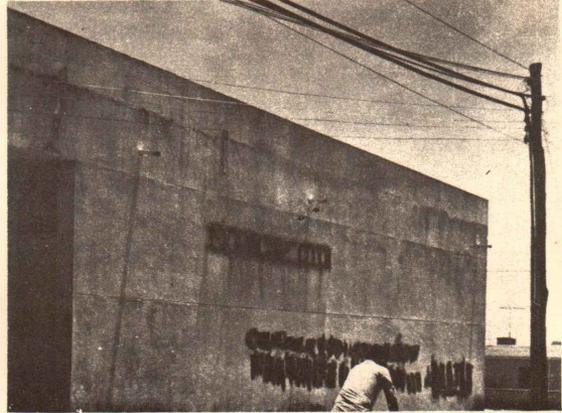
Aspecto da sala de trabalho da secretária de Israel Pinheiro (à direita) no dia 8 de abril de 1959. À esquerda, uma funcionária falando no telefone à manivela. (Foto-Agência JB)



A primeira mesa de Exame de Linhas da Central Sul, instalada em fevereiro de 1959. (foto Manchete—Rio)



O antigo Posto Telefônico do Gama era de madeira.



Este é o Posto Telefônico de Taguatinga, na época do "heróico" DTUI.

## Telefones Para Pedir o Auxílio da Polícia

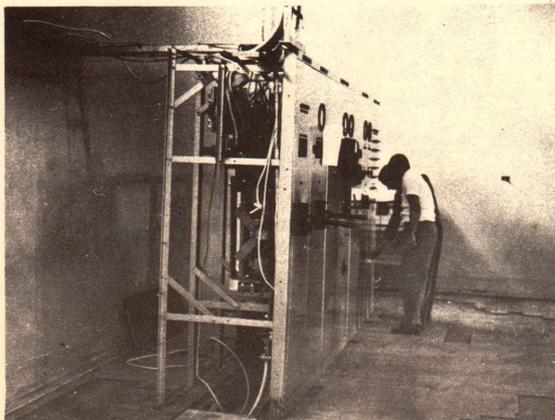
Polícia de Brasília terá, nos dias das festividades comemorativas da mudança da capital para o Alto Central, expediente normal. Aqueles que dela necessitarem deverão chamar pelos seguintes telefones: 1.º D. I., fone: 50; 2.º D. I., fone 12-24 e, a G. E. R. (Guarda Especial de Brasília), discar 11-91 e chamar ramal 49.

Qualquer caso de importância deverá ser levado ao conhecimento do cap. Lúcio Marçal (ajudante de ordens e assistente militar do chefe de Polícia de Brasília), pelo telefone 11-00.

A primeira notícia sobre telefone publicada no Correio Brasileiro número um.



O posto telefônico da W-3, no tempo do DTUI



Os primeiros retificadores da instalação de Forças da Central Sul, adquiridos pelo DTUI, em fins de 1958. (foto Manchete—Rio)



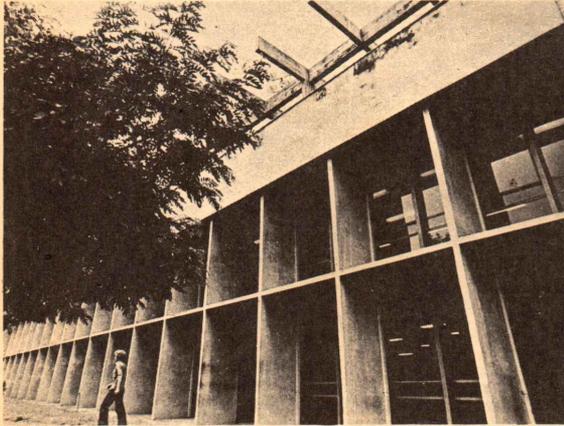
Aspecto do serviço de tráfego interurbano do DTUI, em abril de 1960. A terceira telefonista da direita para a esquerda é Enny Martins Ramalho, que trabalha até hoje na TELEBRASÍLIA. (foto Manchete—Rio)



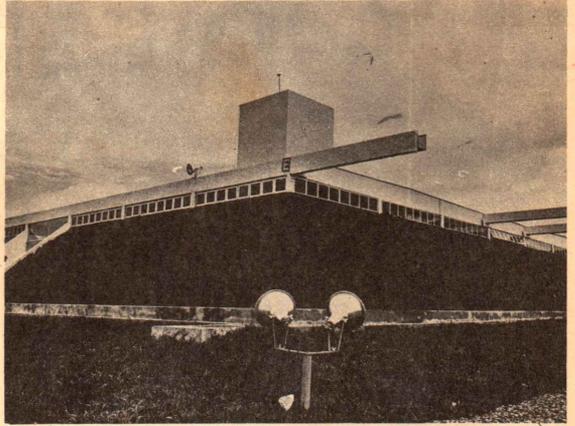
O prédio da Central Telefônica Sul, hoje.



A Central Telefônica Norte.



Central Telefônica de Taguatinga.



Esta é a moderna Central Telefônica da Península Sul, inaugurada pela TELEBRASILIA, em dezembro de 1974.



O prédio da Central Telefônica Centro foi inaugurado no dia 1º de setembro de 1969.



Este é um dos veículos da moderna e bem equipada frota da Telebrasilía.



Novo tipo de audífono usado pelas telefonistas: leve e prático.